

GLÓRIA EFÉMERA

ADELAIDE MATTANA VILLA

A gôta de orvalho
gloriosa
reverberando,
deslizou de fôlha em fôlha
de ramo em ramo
rosário de cristal
no rápido suceder de seu fulgor.

A cruz apareceu
na última ramada
onde
prêsa
se alongou estarrecida:
ao fim da ofuscante jornada
pela terra
pressentiu-se
absorvida.

PRECE DOS JOVENS

Senhor:
Nós somos jovens
queremos viver
não gostamos da bomba
que faz tudo morrer.
Amamos as coisas
como nos destes:
as flôres, os montes,
as aves e o mar;
queremos o amor puro
livre da angústia
do dia de amanhã.
Mais negro o futuro
aos poucos se faz
à visão dessa morte

com pretextos de paz.
Nós somos jovens
queremos viver,
amar, construir,
se preciso, sofrer,
mas não êste caos:
entre coisas tão lindas
lugar certo não ter.
Queremos nós, jovens,
o modo encontrar
de a herança dos sábios
no bem empregar.

EXORTAÇÃO

Para o alto!
Como os alpinistas
agarrando-se às ínfimas
reentrâncias...

como o condor
que se aninha
no píncaro dos Andes...

como a flecha
arremessada pelo arco
do campeão...

como a nave cósmica
devorando o espaço
pelo poder da ciência...

como o rojão festivo
que se multiplica em estrélas
antes de à terra voltar...

Para o alto!
Com a naturalidade dos pinheiros
procurando o sol
com a humildade do penitente
galgando os degraus da redenção
com a perfeição de Cristo
no martírio da cruz!

"NEVERMORE"

Ave noturna agoirenta
que em noite sem lua inventa
de irritar-me se estou sonolenta
e à vigília me acorrenta.
Ave noturna lamurienta
que no meu quarto assenta
enquanto lá fora venta
e a solidão me atormenta.
Ave noturna azarenta
teu gemer meu mal aumenta
vedando-me a queda lenta
pra onde o pensar se ausenta.

Como tardas, madrugada cinzenta,
na oferta da luz que afugenta
a ave triste e rabujenta
que do passado se alimenta!

Vem, ó sol, tua régia pompa ostenta!
Portas e janelas violenta!
Ave de luz, de calor, de vida opulenta,
nas tuas asas de fogo acalenta
minhalma insone e friorenta!

VENTO, Ó VENTO!

Vento que vens
vento que vais,
nunca me escutas
vento, jamais?

Vento que vais
vento que vens,
trazes contigo
males ou bens?

Vento que vens
vento que vais,
pára um instante
brincas demais!

Vento que vais
vento que vens,
se canto ou choro
não te deténs?

Vento que vens
vento que vais,
para bem longe
leva meus ais!

ALEGRIA DE VIVER

Minhalma irrequieta
vibra pelos meus dedos
tamborilando na vidraça
o ritmo da vida
que veloz,
sob meus olhos,
passa.

Homem e máquina
tudo em turbilhão
se move, corre, palpita.

Batuque constante
ora claro, vibrante,
ora grave, profundo,
no incessante latejar do coração do mundo.

COSMONAUTAS, QUE BUSCAIS?

Aovê-la pródiga e bela
guardando um barco de vela
na suave curva da praia
onde a fúria azul desmaia;
no campo cheio de flôres
de côres várias e odores;
na brisa que a flor balança
e tece os cipós em trança;
nas asas de aves e insetos
que a vibrar mudam de aspectos;
nas vidas submarinas
das colônias coralinas;
nos mares, fôrças constantes
unindo povos distantes;
nos ledos rios saltitantes
piscosas vias rolantes;
no gargalhar da cascata
que ressoa na verde mata;

na alvura casta da neve
que cai, em flocos, de leve;
no intocável diamante
da ramaria gotejante;
no fresco oásis — céu aberto
no incandescente deserto;
nos frutos mil, suculentos
e nas matas-monumentos;
na fauna grossa e mirim
de plumas, pele, marfim;
nas gemas vindas do solo
pra brilhar em régio colo;
no suspirar das rolinhas
e no rir das criancinhas;
tudo que nela se agita
e que a faz, assim, bendita
eu que sou dela, eu que a amo
registro aqui meu reclamo:
"Se ela em mil dons se descerra
que — ó, cosmonavegantes! —
buscais em mundos distantes
que não se encontre na Terra?!"